

UMA INTERPRETAÇÃO DO PRECONCEITO NA NARRATIVA TRANSMÍDIA DO SÉRIADO *LOVECRAFT COUNTRY* (2020)

João Carlos Massarolo, (UFSCar)¹

Anne Araujo Vilela, (UFG)²

Resumo: O artigo traz uma interpretação do processo de transmediação da obra de H. P. Lovecraft e do livro “Território Lovecraft” de Matt Ruff, para a série *Lovecraft Country* (2020), transversalmente ao contexto histórico e sociocultural vivido através luta pelos direitos de igualdade étnico-racial em um Estados Unidos da América segregado.

Palavras-chave: seriados televisivos; narrativa transmídia; intertextualidade; ficção cósmica; racismo estrutural.

Abstract/Resumen: The article provides an interpretation of the transmediation process of the work of H.P. Lovecraft and the book “Lovecraft Territory” by Matt Ruff, for the series *Lovecraft Country* (2020), across the historical and sociocultural context lived through the struggle for the rights of ethnic equality- race in a segregated United States of America.

Keywords/Palabras clave: television series; transmedia storytelling; intertextuality; cosmic fiction; structural racism.

INTRODUÇÃO

O livro *Território Lovecraft* de Matt Ruff, trouxe uma ressignificação dos horrores sofridos pelos negros em um Estados Unidos da América segregado baseado no universo imaginado pelo escritor recluso H. P. Lovecraft³, um dos criadores da ficção científica moderna de horror, que apesar da genialidade literária, em termos éticos e políticos era inegavelmente preconceituoso. O livro publicado em 2016 foi adaptado para uma série original em 2020, produzida pela *HBO*⁴, que tem investido cada vez mais em produções originais e multiplataformas. O seriado *Lovecraft Country* (2020) trata de assuntos ligados aos "monstros" sociais criados pelas questões anti-imigração, como o

¹ Cineasta e Roteirista. Professor associado da Universidade Federal de São Carlos. Doutor em Cinema pela Universidade de São Paulo. Coordenador do GEMInIS – Grupo de Estudos sobre Mídias Interativas em Imagem e Som. E-mail: massarolo@terra.com.br.

² Bacharel em Audiovisual pela Universidade Estadual de Goiás (2010), mestra em Performances Culturais pela Universidade Federal de Goiás (2020). Atua com os temas: narrativas audiovisuais / narrativas transmídia e suas relações socioculturais e históricas. anne.araujo.vilela@gmail.com.

³ Howard Phillips Lovecraft (1917–1937), conhecido por H. P. Lovecraft, foi um escritor estadunidense que revolucionou o gênero de terror, um dos fundadores da ficção moderna de horror e do horror cósmico. As suas maiores influências foram Edgar Allan Poe.

⁴ A HBO é um canal de televisão por assinatura norte-americano de propriedade da *Warner Media* que tem investido em produções originais e multiplataformas.

preconceito sobre determinados grupos por fatores históricos e sociais baseado em esteriótipos, a discriminação racial, o racismo estrutural, a violência policial e a repressão de gênero. Lembrando que a literatura e filmografia de ficção científica trouxe muitas vezes a naturalização da xenofobia. Assim, a luta do povo afro-americano contra o preconceito nos EUA é confrontada através do universo fictício em *Lovecraft Country* (2020) e os discursos preconceituosos e xenófobos do autor H. P. Lovecraft são desconstruídos. Os autores recorrerem à formas híbridas, incorporando as obras do escritor do século passado ao discurso popular e social atual, marcado por narradores negros, que poderiam ser personagens reais e cotidianos, relegando a segundo plano a voz do narrador zero, no caso o criador da representação ficcional de mundos utópicos e eugenistas, H.P. Lovecraft,.

A ressignificação de criaturas e situações sobrenaturais do mundo sombrio *lovecraftiano*, para outras histórias contra o preconceito na série *Lovecraft Country* (2020), reflete um interdiscurso entre essas obras, uma provável *transmidiação* de narrativas, para Evans (2011, p.10, tradução nossa): "A transmidialidade, especialmente a narrativa transmídia, funciona para um fim específico na programação dramática.". Por sua vez, a narrativa transmídia expande os mundos ficcionais, encorajando o espectador a buscar mais informações e "extensões" da trama através de diversas fontes e que o gênero ficção científica por si já é transmidiático e possui relação direta com os fãs e representações⁵ da sociedade.

Os produtores executivos da série, Jordan Peele (*Get Out*, 2017/ *Lost*, 2004-2010) e J.J. Abrams (*Star Trek*, 2009 / *Star Wars:The Force Awakens*, 2015 / *Star Wars:The Rise of Skywalker*, 2019), possuem experiências com o tema do preconceito e forte ligação com a ficção-científica ligada às viagens no espaço. A *showrunner* da série Misha Green (*Spartacus*, 2010-2013/ *Underground*, 2016-2017/ *Heroes*, 2006-2010), é escritora, diretora e produtora, com experiência em ficção e ficção histórica, na última década trabalhou também em obras com fundo histórico e social, criativas e de terror psicológico.

⁵ Para Foucault (2009) nos "romances científicos" o discurso científico costuma ser uma espécie de rumor na relação dos personagens e no emaranhado dos outros discursos que trazem as aventuras imaginárias.

Adaptando a história de Matt Ruff, com a experiência de J.J. Abrams, considerando que Jordan Peele e Misha Green⁶ são afro-americanos, esse conjunto de "autores" do seriado faz exatamente o movimento o qual sugere Young (1996): uma ruptura ideológica com o *mainstream* "branco", afastando-se das formas convencionais de representar a realidade, uma ação considerada mais produtiva politicamente se associada à resistência aos valores dominantes. Portanto, os "autores" da série, aproveitaram o momento de levante nacional e internacional contra o preconceito e violência étnico-racial para contar uma história de negros que estão horrorizados e fazem de tudo para sobreviver, lutando contra monstros não tão sobrenaturais assim. Cabe a Misha incorporar à narrativa ainda sua experiência com referências socio-culturais, filmicas e musicais, além de cenas de dança, muito sangue e sexo.

Essas histórias narradas nos dez episódios da primeira e única temporada do seriado *Lovecraft Country*, trazem a perturbação do lugar comum, talvez um nonsense, com a mistura do real e o não-real, o científico que fica no limiar das convenções lógicas, tornando-se ficção científica, na qual não há restrições distintas entre a imaginação, e a verdadeira maldade humana, as situações ali propostas parecem absurdas, mas trazem um caminho ao longo do qual são transmitidas percepções do mundo real entre palavras ou imagens.

A NARRATIVA TRANSMÍDIA E OS FÃS

A transmidialidade perpassa e liga as narrativas do autor Matt Ruff, dos produtores do seriado, à repressão durante as leis de segregação racial⁷ e ao atual *Black Lives Matter*⁸. Assim, na série, o retrato da luta pela igualdade e sobrevivência na década de sessenta, junto ao atual *Black Lives Matter*, funciona como mote e estratégia de engajamento do público com o mundo fictício da série. Para Alicia Garza (2021, p.15)

⁶ Segundo Alicia Garza (2021, p.14): "O surgimento do ativista-celebridade é importante para entendermos como se dá a mudança (é só protestar, e pronto), pelo que estamos lutando (as pessoas viram ativistas para criar plataformas pessoais de 'influência digital' ou porque estão engajadas na mudança?) e para construirmos o mundo que queremos."

⁷ Discriminação institucionalizada nos EUA através de leis estaduais e locais que impunham a segregação racial no país. Movimentos organizados pela igualdade e contra essas leis foram comandados por Malcolm X e Martin Luther King Jr.

⁸ Em português, Vidas Negras Importam, é um movimento que teve como estopim o assassinato de *George Floyd* pela polícia estadunidense, que levou milhares de pessoas às ruas dos EUA e de outros países, contra a violência policial contra negros, a favor da igualdade e a representatividade étnico-racial.

sobre o *Black Lives Matter*: “Se movimentos puderem partir de hashtags, precisamos entender o que está por trás deles e as plataformas em que aparecem [...]”. Já para Jenkins e Joshua Green (2015), a circulação de conteúdo de mídia dentro da cultura participativa pode servir a uma variedade de interesses, alguns deles culturais e até mesmo políticos.

Portanto, essa narrativa transmídia complexa expande os 10 episódios para além da ficção científica e o terror cósmico, atraindo fãs ou ativistas, talvez, fãs que sejam ativistas, em sua maioria engajados. Considerando que a partir do universo *lovecraftiano* já havia outros desdobramentos, mesmo antes do seriado, como o jogos de RPG (*Chamado de Cthulhu, 1981*), e diversos jogos de videogames lançados desde de 1987, além de filmes desde *Alien (1979)* até os mais recentes *IT: A Coisa (IT, 2017)* e *Aniquilação (Annihilation, 2018)*, a estratégia da HBO de engajar fãs, englobou desde a escolha da famosa equipe de produção e atores, até a ampliação da narrativa para outros ambientes. No caso, um site oficial sobre a série, o aplicativo *HBO EXTRAS* com curiosidades e detalhes sobre sobre a série como a produção e a história do universo Lovecraft, além da *Lovecraft Country Radio* com podcasts que discutiam sobre cada episódio lançado semanalmente, para o público brasileiro foram produzidos podcasts em português. Evans (2011, p.11, tradução nossa) explica esse tipo de estratégia: “[...] as tecnologias separadas trabalham juntas para criar uma diegese coerente que oferece múltiplos pontos de acesso e múltiplas formas de engajamento e os tipos de engajamento encorajados e esperados desses mundos.”.

Entende-se então que a forma da série e suas plataformas extras, usufruírem dessas representações do mundo *lovecraftiano* de acordo com as normas sociais atuais e a importância dos fãs neste processo de desenvolvimento da trama, ocorrem em conjunto, e a HBO teria consciência e planejamento em relação à esses processos entre produtos de ficção científica e seus fãs, no qual a maioria dos espectadores faz facilmente associações ou pesquisa por conta própria as estruturas interpretativas deste produto. Segundo Jenkins (1992, p.39, tradução nossa), sobre o processo com fãs: “essas redes vinculam a série original a outros trabalhos produzidos comercialmente e às tradições culturais da comunidade de fãs, [...] a maioria dos fãs teria acesso a mais de uma estrutura interpretativa para posicionar essas imagens específicas.”. Ainda para Jenkins (1992), na cultura dos fãs (fandom), os fãs da mídia têm prazer em fazer conexões intertextuais de

uma ampla gama de textos midiáticos que seguem a mesma tradição, como uma lógica discursiva que une interesses.

Assim, a série *Lovecraft Country* (2020) consegue produzir uma boa transfiguração, utilizando a linguagem social com funções identitárias que fazem parte dos jogos de posicionamentos e engajamento, provavelmente de forma planejada pela HBO, para atrair e manter o espectador submerso no mundo fictício da série. *Lovecraft Country* (2020) torna-se uma transfiguração provinda da condição já transmídia dos textos de H. P. Lovecraft, onde seus monstros e espaços foram realocados dos textos originais para vidas alternativas. Um mundo ficcional bem desenvolvido abre lugar então para o desenvolvimento de uma narrativa transmídia que encoraja os espectadores a se tornarem fãs engajados. O espaço virtual é capaz de incorporar tantos detalhes quanto o mundo real.

ESTRATÉGIAS NA REFORMATÇÃO DO UNIVERSO DE LOVECRAFT

Considerando que nem mesmo os fãs de H. P. Lovecraft, aprovariam na atualidade seus discursos de naturalização de preconceitos, a série utiliza-se da ocultação de significados, outro artifício também utilizado pelo próprio escritor. Da mesma forma que muitos filmes e programas de televisão sempre ocultaram e até propagaram essa marginalização, para Shohat (1991, p.45): "O cinema ocidental não apenas herdou e disseminou o discurso colonial, mas também criou um sistema de dominação por meio do controle monopolista [...]".

Então, para H.P Lovecraft o terror, os monstros e extraterrestres serviam de representação para negros, asiáticos, judeus, não-nórdicos e não-saxões. Em contrapartida, na série, estas pessoas são os heróis, protagonistas e também as vítimas desse sistema. Nessa inversão, Atticus Freeman (Jonathan Majors), um jovem negro veterano da Guerra da Coreia, embarca numa perigosa trama, com monstros retirados das obras de terror cósmico do autor H.P. Lovecraft em meados das décadas de cinquenta e sessenta. Então imagine uma seita supremacista branca que deseja fazer seu líder ascender ainda mais ao poder e encontrar a imortalidade, com um herdeiro (Atticus), um homem negro que deve literalmente "dar" seu sangue para que brancos possam perpetuar seu poder?

Para H. P. Lovecraft os africanos e asiáticos, e a qualquer tipo de estrangeiro eram selvagens, primitivos, místicos e até perigosos, enquanto os "colonizadores" inocentemente se misturavam aos nativos. Segundo Young (1996): os discursos "racistas" se manifestam em termos de ideologias de superioridade/inferioridade, colonialismo/primitivismo e produções audiovisuais desse tipo perduraram durante décadas e ajudaram a reforçar a maneira de agir de colonizadores e colonizados. Assim, indo no caminho contrário, a série, exhibe os horrores cometidos pelos estadunidenses durante a Guerra da Coreia do Sul em uma política muito parecida com essa colonialista e/ou imperialista. Por exemplo, em *Lovecraft Country* (2020) no episódio 6 - *Encontre-me em Daegu*, conhecemos mais profundamente a personagem Ji-Ah (Jamie Chung), uma enfermeira coreana por quem Atticus se apaixona durante a guerra e que na verdade é um espírito que mata homens. Daí observa-se um dos pontos dos quais *Lovecraft Country* (2020) se difere de outras narrativas ligadas ao universo lovecraftiano. Apesar de ser diferente, Ji-Ah tem um motivo para ter se tornado um monstro: as violências e abusos sofridos durante a infância. Além disso, a moça demonstra sentimentos por Atticus e por sua família, forma diferente de representar um monstro, já que nos livros de Lovecraft e de outros e também na maioria dos filmes sobre invasões alienígenas, os monstros costumam levar pânico e promover invasões sem qualquer tipo de sentimento que os humanize.

Atticus que é fã de literatura *sci-fi*, sonha ao cochilar com uma Ji-Ah com as feições de uma extraterrestre vermelha que quer lhe entregar para seu líder, provavelmente porque vermelho seja até cor relacionada ao amor, ao ódio, ao perigo e também a cor do comunismo. Em seu subconsciente de soldado, Ji-Ah é um monstro que o entregaria. Ademais, há uma similaridade muito grande entre a fantasia criada por Atticus e filmes contemporâneos ao seu personagem, como a primeira versão de *Guerra dos Mundos* (1953), inclusive com a narração em off que acontece em alguns momentos quando "exércitos" os mais variados lutam contra a dominação da Terra pelos marcianos, o inimigo, naturalmente só poderia ser a União Soviética ou qualquer outro país comunista que "ameaçasse" o capitalismo. No entanto, na trama da série, a verdadeira Ji-Ah poupa a vida de Atticus na Coreia do Sul e auxilia sua família na luta contra os monstros, no último e décimo episódio.

No restante da trama, a produção escancara a monstruosidade que é o tratamento dado aos negros através do racismo, o verdadeiro vilão de *Lovecraft Country* (2020). Nada escapa, como por exemplo a referência ao assassinato de George Floyd em junho de 2020 em Minneapolis nos EUA, um homem negro que foi filmado sendo sufocado por policiais brancos enquanto gritava repetidamente: "Não consigo respirar". Sua morte representou o estopim para o movimento *Black Lives Matter*. Em uma provável estratégia provocada de engajamento do público, na cena do episódio 8 - "Jig-a-Boo", Diana (Jada Harris), prima de Atticus, anda pelas ruas após a morte de seu melhor amigo por violência policial. Ela acaba na mira do capitão Lancaster da polícia, também membro da tal seita supremacista, ele a sufoca em um beco enquanto ela grita: "Não consigo respirar!" (Figura 1).

Figura 1- Diana é derrubada no chão e enquanto é amaldiçoada e sufocada



Fonte: Adaptado de *Lovecraft Country* (2020).

Sufocar, nada mais é do que silenciar, impedir que grite-se por socorro, a censura funciona como opressão, impedindo o sujeito de ocupar seu espaço. Aquele que atrapalha a fala ao mesmo tempo introduz limites às trocas discursivas. Diana é calada, assim como foi George Floyd, se você não consegue nem ao menos respirar não conseguirá falar ou lutar. Os membros de uma seita de homens brancos decidem entre eles o discurso que pode ser transmitido, assim como quaisquer privilegiados historicamente e socialmente que constituíram doutrinas religiosas, políticas ou até mesmo científicas, são eles os indivíduos falantes. A série também traz outras menções como o Green Book, "O Livro Verde do Motorista Negro" que era um guia de viagem para viajantes afro-americanos, concebido entre 1936 e 1966, durante a era das leis estaduais e locais que impunham a segregação racial no sul dos Estados Unidos. Em *Lovecraft Country* (2020), George (Courtney Vance) e sua esposa Hippolyta (Aunjanue Ellis), tios de Atticus, são os editores responsáveis por um guia de viagem de segurança para os negros, fato que remonta ao

Green Book de Wright e também ao filme *Green Book: O Guia* (2019), ganhador do Oscar de melhor filme.

Também são indicadas em *Lovecraft Country* (2020) imagens emblemáticas da segregação racial naquele momento nos EUA, como a assentos excusivos para negros nos ônibus, diferenciação entre negros e brancos na hora de contratação para trabalho, estabelecimentos e portas reservadas para negros: uma crítica geral ao estilo de vida "americano" tão desejado por muitos e vivido por poucos estadunidenses, além das complexidades da luta pelos direitos civis no país. Imagens icônicas são trazidas como a reprodução da famosa foto de vítimas de enchentes fazendo fila para conseguir o básico no posto da Cruz Vermelha em frente a um outdoor que exalta: "Não há nenhum estilo de vida como o estilo de vida americano!" (Figura 2).

Figura 2 - Na série, cena de pessoas na fila do ônibus. / Fila para conseguir mantimentos



Fonte: Adaptado de *Lovecraft Country* (2020) e Foto de Louisville Flood (1937).

Como espécies de pistas históricas deixadas pelos autores da série, produzindo interpretações, ainda aparecem outros muitos elementos de exaltação da história afro-americana apagada pela história de brancos, como a interpretação de Ruby (Wunmi Mosaku) cantando e tocando carismaticamente para o público de seu bairro, onde ela atua de forma muito similar à Sister Rosetta Tharpe (Figura 3), uma cantora, compositora e guitarrista gospel, de grande sucesso nas décadas de 30 e 40, criadora da mistura única de blues e country, ritmo que seria futuramente conhecido como o rock'n roll. Apesar disso, o título de rei do rock seria dado duas décadas mais tarde para um homem branco: Elvis Presley. Aliás, para sobreviver, na série, Ruby precisa trocar de pele com uma mulher branca.

Figura 3 - Cena da personagem Ruby. / Sister Rosetta Tharpe, mãe do rock'n roll



Fonte: Adaptado de *Lovecraft Country* (2020) e Imagem do Google.

Portanto, os personagens de *Lovecraft Country* (2020), lutam para manterem-se vivos e mesmo suas expressões culturais e religiosas, que os tornam mais "estranhos", na verdade contribuem para a sobrevivência e fortalecimento. Então, dessa forma, a estrutura do seriado vai tomando forma através da inversão dos valores dados pelo escritor H. P. Lovecraft, utilizando elementos históricos, socioculturais e nostálgicos. Assim como as práticas discursivas podem modificar os domínios articulando-se de outra forma, o jogo feito pela série emite o inverso das concepções de H. P. Lovecraft, como por exemplo sobre a polícia ser "boa" e as religiões de matriz africana "ruins", como nesse trecho: "... a polícia não pode deixar de perceber que eles tropeçaram em um culto sombrio totalmente desconhecido para eles, e infinitamente mais diabólico do que o mais negro dos círculos vodu africanos." (LOVECRAFT, 2004, p.175, tradução nossa).

Pode-se utilizar um corpo de enunciados ou uma coleção de fatos de discurso para a partir desse conjunto construir regras que permitam outros enunciados diferentes daqueles, como destaca Foucault (2008). Portanto, na realidade do seriado as forças policiais são corruptas e os brancos são mal intencionados, falso-moralistas e preconceituosos. São eles que fazem de seu interesse pessoal por ascensão ou manutenção de poder uma espécie de seita diabólica em Arkham, uma organização muito parecida como a Ku Klux Kan, onde há monstros parecidos com aliens e bruxos tentando abrir portas para o Éden.

Em verdade, no episódio 3 - "Santo Fantasma" da primeira temporada, quando Letitia ou "Leti" (Jurnee Smollett-Bell), par romântico de Atticus e a heroína da trama, transforma uma casa de Chicago em uma pensão para negros, a situação alimenta o racismo no bairro segregado destinado apenas a brancos e também desperta espíritos presos à casa. Logo entende-se que o antigo dono da casa, o médico Hiram Epstein, era um dos seguidores da tal seita de Arkham, e que o mesmo fazia pessoas negras de cobaias

para suas “pesquisas”, claro uma referência aos experimentos perturbadores feitos ao longo da história ligada à idéia colonialista que vinha acompanhada do eugenismo, perpetuado por muitos autores na literatura de ficção científica. Portanto, as pessoas que serviram de cobaias teriam morrido, assim como o dono da casa e ali ficaram. Ao final do episódio, com a ajuda de uma sacerdotisa, as oito almas são libertadas e também ajudam a expulsar o espírito do monstruoso médico que as fez de cobaias. Antes de desaparecerem, os espíritos retornam aos seus estados de pré-experimentação e deixam de ser assustadores.

Assim, na série, as crenças de origem africanas salvam, ao invés de amedrontar, enquanto a seita Filhos de Adão, composta apenas por homens "brancos" e baseada em "mitos" críticos do antigo testamento, traz o lado sombrio da fé cega e sede por poder que leva os membros a cometer horrores. Mesmo tentando reagir, Atticus Freeman é a representação do herói negro que muitas vezes serve para salvar ao branco e seu mundo, mas acaba invisível para a história. Ao final da trama Atticus é praticamente a personificação cristã do herói "crucificado" para salvar o mundo. Atticus, sem dúvida, faz o papel do herói ingênuo que atravessa suas próprias aventuras como se fossem provas marcadas pelas peripécias rituais: purificação do fogo⁹, morte no gelo, viagem através de uma região perigosa, subida e descida, passagem ao ponto último de onde não deveria ser possível retornar, retorno quase miraculoso ao ponto de partida. Ele passa por diversos perigos e aventuras, incluindo uma jornada ao futuro e outra ao passado, quando ao final da trama retorna ao ponto onde tudo começou Arkham, no episódio final chamado Círculo Completo. Dentro da trama há também a figura das heroínas mulheres como "Leti", também par romântico de Atticus. além de Ji-Ah, Hippolyta e Diana Freeman, outra alteração da ordem comum nos discursos das ficções escritas por H. P. Lovecraft e também na maioria das produções do gênero¹⁰.

Figura 9 - Comparação entre o braço de "O Exterminador" e Diana que estrangula Christina. Os dois teriam vindo do futuro?

⁹ Ideia de herói que Foucault (2009) traz da obra de Júlio Verne.

¹⁰ Beiras (2007, p.63): “A rigidez de fórmulas (clichês e estereótipos) característica do universo dos super-heróis norte-americanos [...], visto que geralmente não há justa representação de diferentes etnias e da mulher, cabendo a estes papéis secundários, figurativos ou vilanescos.



Fonte: Adaptado de *Lovecraft Country* (2020).

Afinal, quem acaba aniquilando Christina Braithwhite é a prima/irmã de Atticus, Diana, que pode ser comparada ao jogador de beisebol que salva "Tic" na cena inicial do primeiro episódio. Antes, Atticus havia contado a Montrose que quem lhe entregara o livro *Lovecraft Country* havia sido uma mulher de capuz que o empurrara pelo portal com um braço robótico. No último episódio Diana acaba por ter um braço robótico e é ela quem aniquila Christina estrangulando-a, em uma provável referência ao *Exterminador do Futuro* interpretado por Arnold Schwarzenegger (Figura 9).

Assim se encerra a primeira e única temporada, mas também fica um gancho para próxima temporada: no episódio 8 - "Jig-a-Bobo", Atticus conta a Montrose que quem entregou o livro *Lovecraft Country* a ele foi uma mulher de capuz que o empurrou pelo portal. Montrose completa que ela o empurrou com um braço robótico. E no último episódio Diana acaba por ter um braço robótico e é ela quem aniquila Christina estrangulando-a, em uma provável referência ao *Exterminador do Futuro* interpretado por Arnold Schwarzenegger (Figura 9).

CONCLUSÃO

O formato de série antológica, ou seja, com a duração de uma temporada e os conflitos não se resolvem num episódio, mas em função do desenvolvimento do arco dramático da história ou a trajetória das personagens, fazendo convergir o desfecho para um crescendo dramático. Deste modo, a série antológica permite que os produtores se aprofundem em temáticas e na construção de personagens que despertam o interesse do público, a cada episódio da temporada, sem promover ou estimular a prática de binge-watching. Normalmente, séries antológicas tratam de temas contemporâneos, através de histórias de mistério, suspense, sobrenatural e o terror, como em *Lovecraft Country*. Nos

últimos tempos, esse formato voltou a agradar ao público por apresentar abordagens de temas polêmicos e personagens complexas, que beiram a marginalidade, um motivo mais do que suficiente para o consumo num breve espaço de tempo de novidades que os formatos seriais de longa duração costumam demorar temporadas inteiras para oferecer aos seus fãs mais dedicados.

Produções como *True Detective* (2014-) criada e escrita por Nic Pizzolatto, *American Crime Story*(2016-) de Scott Alexander e Larry Karaszewski e *Black Mirror* (2011-) criada por Charlie Brooker e, mais recentemente, a minissérie *O Gambito da Rainha* (2020-) de Scott Frank e Allan Scott, são exemplos de séries antológicas que despertaram o interesse do público, motivando o desenvolvimento de novas temporadas, o que equivale praticamente à produção de um filme de longa metragem com começo, meio e fim. Em *Lovecraft Country*, aspectos das séries antológicas dialogam durante a temporada com a forma seriada de longa-duração, com episódios semifechados que permitiram aos produtores explorar diferentes estilos e subgêneros de terror, criando uma multiplicidade de pontos de vista.

Neste sentido, a série faz um compilado de filmes e livros de terror em que o medo cósmico é combatido pelo riso, mas que são em sua maioria impregnados de preconceito. *Lovecraft Country* apresenta uma interpretação dessa vasta literatura de um outro ponto de vista. A série propõe homens negros e mulheres negras como protagonistas e aborda também outros assuntos como o machismo sofrido por uma mulher branca, Christina, que é bem menor em grau do que o machismo sofrido por Ruby, uma mulher negra.

A série traz a nostalgia e memória de filmes e livros de terror ou terror cósmico que viu-se e leu-se ao longo dos anos e que estão em sua maioria impregnados de preconceito, mas que ao assistir *Lovecraft Country* (2020) tem-se a oportunidade de interpretar de uma nova perspectiva. O seriado propõe homens negros e mulheres negras como protagonistas, e o preconceito como grande vilão. Também entram em destaque na série outros assuntos como o machismo sofrido por uma mulher branca como Christina, que é bem menor em grau do que o machismo sofrido por uma mulher negra como Ruby. A impotência da mulher negra que se torna mãe de família, que não se arrepende da família, mas gostaria de ter a oportunidade de desbravar o mundo do conhecimento, como quando tia Hippolyta viaja pelo tempo e espaço. Além de demonstrar o orientalismo

sofrido Ji-Ah e de maneira sensível a orientação sexual de Montrose, pai de Atticus. Uma história de homens e mulheres que não se deixam alcançar pelos homens brancos que os caçam, assim como o significado do sobrenome da família de Atticus que foi mudado do livro de Matt Ruff de Turner para Freeman, provavelmente por em uma ênfase ao significado de "homem livre".

REFERÊNCIAS

EVANS, Elizabeth. **Transmedia television: Audiences, new media, and daily life**. Nova Iorque / Londres: Routledge, 2011.

"**LOVECRAFT COUNTRY (1ª Temporada)**". Direção: Yann Demange; Misha Green. Produção: Misha Green; Jordan Peele; J.J. Abrams. Roteiro: Misha Green. EUA: HBO, 2020. Distribuído digitalmente (593 min).

"**LOVECRAFT COUNTRY**". HBO, 2020. Disponível em: <https://www.hbo brasil.com/series/detail/lovecraft-country/15195/ttl770959>. Acesso em: 25 nov. 2020.

Lovecraft, Howard Phillips. **Collected Essays. Volume 2: Literary Criticism**. Nova Iorque: Hippocampus Press, 2004.

JENKINS, Henry. **Textual Poachers: Television Fans and Participatory Culture**. Nova Iorque: Routledge, 1992.

FOUCAULT, Michel. **Estética. Literatura e Pintura, Música e Cinema - Volume 3**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

BEIRAS, Adriano et al. **Gênero e super-heróis: o traçado do corpo masculino pela norma**. *Psicologia & Sociedade*, v. 19, n. 3, p. 62-67, 2007.

YOUNG, Lola. **Fear of the dark: 'race', gender, and sexuality in the cinema**. Londres: Routledge, 1996.

JENKINS, Henry; FORD, Sam; GREEN, Joshua. **Cultura da conexão: criando valor e significado por meio da mídia propagável**. São Paulo: Aleph, 2015.

Shohat, E. Gender and the Culture of Empire: Toward a Feminist Ethnography of the Cinema. In: *Quarterly Review of Film and Video*, volume 13. Londres: Routledge, 1991.

Garza, Alicia. **O propósito do poder: Vidas negras e movimentos sociais no século XXI**. Brasil, Zahar, 2021.